

Capítulo Primeiro

AS AMBIVALÊNCIAS DA MATERNIDADE

Antes dos anos setenta, os filhos eram a consequência natural do casamento. Qualquer mulher apta a procriar os tinha sem se colocar grandes questões prévias. A reprodução era simultaneamente um instinto, um dever religioso e um dever para com a sobrevivência da espécie. Era natural que toda a mulher «normal» desejasse ter filhos. Era uma evidência tão pouco discutida que se podia ler ainda recentemente numa revista: «O desejo de se ter filhos é universal. Nasce das profundezas do nosso cérebro reptiliano, da nossa razão de existir: perpetuar a espécie³.» No entanto, desde que uma grande maioria de mulheres utiliza contraceptivos, a ambivalência maternal surge mais claramente e a força vital oriunda do nosso cérebro reptiliano parece um pouco enfraquecida... O desejo de ter filhos não é constante nem universal. Algumas desejam-nos, outras já não os querem, outras nunca os quiseram. Desde que tenham escolha, existe uma diversidade de opções e já não é possível falar-se de instinto ou de desejo universal.

3 *Psychologies magazine*, Maio de 2009. Dossier «Vouloir un enfant».

AS ANGÚSTIAS DA LIBERDADE

A escolha de ser mãe

Toda a escolha pressupõe uma reflexão sobre as causas e as consequências. Pôr um filho no mundo é um compromisso prioritário a longo prazo. É a decisão mais emocionante que um ser humano é levado a tomar na sua vida. Seria pois mais sensato que pensássemos duas vezes e nos interrogássemos seriamente sobre as nossas capacidades altruístas e sobre o prazer que isso nos pode proporcionar. Será sempre este o caso?

Recentemente, *Philosophie magazine* publicou uma sondagem muito instrutiva⁴. À questão: «Porque é que se faz um filho?», os Franceses (homens e mulheres) responderam nos seguintes termos⁵:

Um filho torna a vida do dia-a-dia mais bela e mais alegre	60 %
Um filho perpetua a família, transmite os seus valores, a sua história	47 %
Um filho dá afecto, amor, e permite uma velhice menos solitária	33 %
É fazer a dádiva da vida a alguém	26 %
Torna a relação do casal mais intensa e sólida	22 %
Ajuda uma pessoa a tornar-se adulta, a ter responsabilidades	22 %
Permite à pessoa deixar, depois da morte, uma parte de si na Terra	20 %
Permite que o filho possa realizar o que não conseguiu fazer	15 %
Ter um filho é uma nova experiência, introduz novidade	15 %
Para agradar à sua companheira	9 %
É uma escolha religiosa ou ética	3 %

4 Publicada no n.º 27 de Março de 2009. Sondagem realizada por TNS-Sofres entre os dias 2 e 5 de Janeiro de 2009 a partir de uma amostra nacional representativa de 1000 pessoas.

5 As pessoas inquiridas podiam dar várias respostas.

Outras respostas (não sugerido)	4 %
Teve um filho sem razão particular, por acidente	6 %
TOTAL	
Têm filhos, desejam ou desejariam tê-los tido	91 %
Não têm filhos e não desejam tê-los	9 %

Philosophie magazine observa a justo título que se 48 % das respostas se relacionam com o amor e 69 % com o dever, 73 % estão ligadas ao prazer. O hedonismo ocupa o primeiro lugar das motivações, nunca se levantando a questão dos sacrifícios a fazer e da dádiva de si.

Na verdade, os aspectos racionais têm pouco peso na decisão de conceber. Provavelmente menos do que na decisão de não ter filhos. Para além do peso que o inconsciente tem em ambas as decisões, é preciso dizer que a maior parte dos pais não sabe porque fazem um filho⁶ e que as suas motivações são infinitamente mais obscuras e confusas do que as invocadas na sondagem. Donde a tentação de se fazer apelo a um instinto que tudo domina. De facto, a decisão decorre muito mais do afectivo e do normativo do que da consideração racional das vantagens e dos inconvenientes. Invoca-se muitas vezes a influência da afectividade, mas fala-se pouco da influência, não menos importante, das pressões da família, dos amigos e da sociedade que pesam sobre cada um de nós. Uma mulher (e em menor grau um homem) ou um casal sem filhos parecem sempre uma anomalia que suscita interrogações. Que ideia esquisita a de não ter filhos e de escapar à norma! Os que assim pensam são constantemente instados a explicar-se, enquanto não passaria pela cabeça de ninguém perguntar a uma mulher porque é que ela se tornou mãe (exigindo razões válidas), ainda que ela fosse a mais infantil e irresponsável das mulheres. Em

6 Raras são as mulheres que o reconhecem. Há, pois, que saudar as que o dizem, como Pascale Pontoreau, do Quebeque, em *Des enfants, en avoir ou pas* (2003) ou a filósofa Éliette Abécassis no seu romance *Un heureux événement* (2005). Após uma honesta introspecção, a sua heroína conclui que se fazem filhos «por Amor, por Aborrecimento e por Medo da morte», p. 15.

contrapartida, a mulher que permanece voluntariamente infecunda tem poucas possibilidades de escapar aos suspiros dos pais (que ela impediu de se tornarem avós), à incompreensão das amigas (que gostam que se faça o que elas fazem) e à hostilidade da sociedade e do Estado, natalistas por definição, que têm inúmeros pequenos meios de a punir por não ter cumprido o seu dever. É pois necessária uma vontade a toda a prova e um forte carácter para suportar todas estas pressões, e mesmo uma certa estigmatização.

*O dilema hedonista,
ou a maternidade contra a liberdade*

Dito isto, o individualismo e a procura da realização pessoal levam as futuras mães a colocarem-se questões que antes não se punham. Tendo a maternidade deixado de ser a única forma de auto-afirmação de uma mulher, o desejo de ter um filho pode entrar em conflito com outros imperativos. As que têm uma profissão interessante e que sonham fazer carreira — uma minoria — não deixam de se interrogar: até que ponto o filho vai pesar sobre os seus percursos profissionais? Poderão elas conciliar uma carreira exigente e a educação de um filho? Quais serão as consequências para a relação do casal? Como reorganizar a vida doméstica? Poderão conservar as vantagens da sua presente existência e, em particular, que parte da sua liberdade deverão abandonar⁷? Esta última interrogação preocupa muitas mulheres e não apenas as carreiristas.

Numa civilização onde o «eu primeiro» é elevado a princípio, a maternidade é um desafio, quiçá uma contradição. O que é legítimo para uma mulher que não é mãe deixa de o ser quando o filho aparece. A preocupação consigo mesma deve ceder lugar ao esquecimento de si, e ao «eu quero tudo» sucede-se o «eu devo-lhe tudo». Quando se opta por pôr uma criança no mundo para seu próprio prazer, fala-se menos de dádiva e mais de dívi-

⁷ Questões livremente inspiradas no livro de Marian Faux, *Childless by Choice*, 1984, p. 28.

da. Da dádiva da vida de outrora, passou-se a uma dívida infinita para com aquele que Deus e a Natureza deixaram de nos impor e que um dia lembrará que não pediu para nascer...

Quanto mais livre se é de tomar decisões, mais responsabilidades e deveres se têm. Dito de outro modo, o filho que representa uma fonte incontestável de realização para certas mulheres pode revelar-se um obstáculo para outras. Tudo depende do investimento que fizerem na maternidade e da sua capacidade de altruísmo. No entanto, antes de tomarem a sua decisão, raras são as mulheres (e os casais) que se entregam lucidamente ao cálculo dos prazeres e das penas, dos benefícios e dos sacrifícios. Pelo contrário, parece que uma espécie de halo ilusório vela a realidade maternal. A futura mãe só sonha com o amor e com a felicidade. Ela ignora a outra face da maternidade, a que é feita de esgotamento, de frustração, de solidão, até mesmo de alienação com o seu cortejo de culpabilidade. Ao ler testemunhos recentes de mães⁸, avalia-se até que ponto elas estão pouco preparadas para esta mudança. Não me tinham prevenido, dizem elas, das dificuldades da aventura. «Fazer um filho está ao alcance de todos, e contudo poucos futuros pais conhecem a verdade; «*é o fim da vida*⁹», que é preciso entender como o fim da minha liberdade e dos prazeres que ela me proporcionava. Os primeiros meses do bebé são particularmente difíceis: «É insuportável ser-se assim solicitada, é insuportável que a realização possa nascer de uma tal dependência, desta inquietude sem remissão nem escapatória¹⁰». Ou ainda: «Ele mamava e mamava, os seus dois neurónios empenhados na tarefa, bloqueado no seu programa como eu no meu televisor [...]. Eu acordava, tornava a adormecer, era dia, era noite, ninguém me tinha prevenido de que seria tão aborrecido — ou então eu não tinha acreditado¹¹.»

8 Marie Darrieussecq, *Le Bébé*, 2002; Nathalie Azoulai, *Mère agitée*, 2002; Éliette Abécassis, *Un heureux événement*, 2005; Pascale Kramer, *L'Implacable Brutalité du réveil*, 2009.

9 Éliette Abécassis, *op. cit.*, p. 15. Sublinhado nosso.

10 Pascale Kramer, *op. cit.*, p. 98.

11 Marie Darrieussecq, *op. cit.*, p. 98.